



CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES

ÁREA DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



150  
A N O S

COM  
EÇA  
DE  
QUEIRÓS



ANAIS DO III ENCONTRO  
INTERNACIONAL  
DE QUEIROSIANOS



2  
11  
5  
21

CENTRO DE ESTUDOS  
PORTUGUESES

ÁREA DE ESTUDOS  
COMPARADOS DE  
LITERATURAS  
PORTUGUESA

FFLCH-USP

150  
ANOS

COM EÇA DE QUEIRÓS



ANAIS DO III ENCONTRO INTERNACIONAL DE QUEIROSIANOS

ANAIS DO III ENCONTRO INTERNACIONAL DE QUEIROSIANOS

Organização e edição: Elza Miné

Benilde Justo Caniato

Projeto Gráfico: Moema Cavalcanti

Capa: Moema Cavalcanti sobre tela de Francisco Brennand

Preparação de originais: Armando Olivetti Ferreira

Editoração eletrônica: Lato Senso – Editora de Textos

Impressão e acabamento: Bartira Gráfica e Editora

PATROCÍNIO:

FUNDAÇÃO CULTURAL BRASIL-PORTUGAL

PIRES SERVIÇOS DE SEGURANÇA LTDA

---

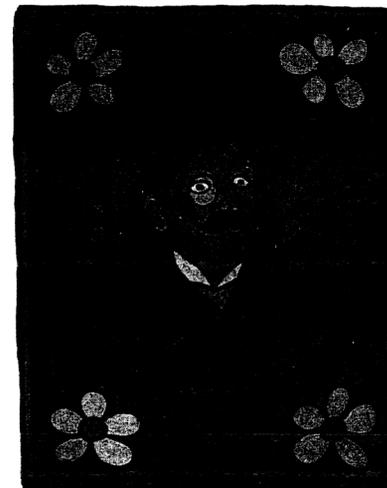
E46 Encontro Internacional de Queirosianos, 3., São Paulo, 1995.  
150 anos com Eça de Queirós. – São Paulo : Centro de Estudos  
Portugueses : Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua  
Portuguesa / FFLCH / USP, 1997.

1. Queirós, Eça de 2. Literatura portuguesa 3. Crítica  
literária 4. Literatura comparada I. Título

---

Ficha catalográfica : SDB / FFLCH

150  
A N O S  
COM EÇA DE QUEIRÓS



III ENCONTRO INTERNACIONAL DE QUEIROSIANOS · 1995

SÃO PAULO · 1997

CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES  
ÁREA DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS · UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

provenientes de nove diferentes Estados do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Distrito Federal, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Ceará). Reuniu, assim, quarenta e três participantes do exterior e sessenta do Brasil. Duzentos e sessenta professores e posgraduandos inscreveram-se regularmente para o evento. Na qualidade de ouvintes, um número expressivo de alunos de Letras compareceu às sessões.

O *Jornal da USP* dispensou significativa atenção ao Encontro, que alcançou também grande repercussão na imprensa paulista (*Folha de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, *O Estado de São Paulo*) e mesmo carioca (*Jornal do Brasil*) e em programas culturais de rádio de São Paulo.

Uma última observação diz respeito à preparação dos textos para esta publicação: optou-se por conservar a norma ortográfica brasileira ou portuguesa, segundo aquela adotada pelos diferentes autores e respeitou-se também, em cada um deles, a forma de grafar o nome de Eça de Queirós.

E. M. e B. J. C.

## SUMÁRIO



### SESSÃO DE ABERTURA

- |                       |   |
|-----------------------|---|
| 15 <b>Elza Miné</b>   | Palavras iniciais                         |
| 17 <b>Carlos Reis</b> | Eça de Queirós e a literatura como ficção |

### MESAS-REDONDAS

- |                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| 31 <b>Alan Freeland</b>              | Eça de Queirós e a Inglaterra   |
| 38 <b>Alfredo Campos Mattos</b>      | A correspondência epistolar entre Eça de Queirós e sua mulher Emília de Castro  |
| 45 <b>Álvaro Manuel Machado</b>      | Eça e o decadentismo: uma estética da ambiguidade   |
| 52 <b>Amina di Munno</b>             | Eça de Queirós e a narrativa breve: uma leitura do conto "No Moinho"  |
| 57 <b>Ana Luísa Vilela</b>           | Primatas e carnívoros n' <i>Os Maias</i> : elementos do discurso erótico queirosiano, a propósito de um ananás comido na "Toca" |
| 65 <b>Ana Maria Almeida Martins</b>  | Antero admirador de Eça   |
| 72 <b>Ângela Varela</b>              | O conto queirosiano: variações temático-formais dos gêneros primitivos  |
| 79 <b>Annabela Rita</b>              | Relendo Eça: "José Matias" mais uma vez   |
| 83 <b>Antônio Braz de Oliveira</b>   | São Cristóvão: sonho e sentido da Geração de Setenta  |
| 113 <b>Beatriz Berrini</b>           | Os prefácios ensaísticos de Eça de Queirós  |
| 122 <b>Benjamin Abdala Júnior</b>    | Eça de Queirós e Graciliano Ramos   |
| 131 <b>Carlos Ceia</b>               | A dialética do desejo n' <i>O Crime do Padre Amaro</i>  |
| 151 <b>Carlos d'Alge</b>             | <i>O Simas</i> , de Pápi Júnior, um romance queirosiano   |
| 160 <b>Carlos Santos Vargas</b>      | Da proximidade n' <i>Os Maias</i> : um caso exemplar  |
| 166 <b>Cleonice Berardinelli</b>     | Um tesouro de segunda mão   |
| 175 <b>Elza Miné</b>                 | Eça de Queirós e a <i>Gazeta de Notícias</i> : uma esquecida página 2   |
| 184 <b>Franklin Leopoldo e Silva</b> | O amor em "José Matias"   |
| 190 <b>Frederico Perry Vidal</b>     | Eça de Queirós e a riqueza gestual n' <i>Os Maias</i>   |
| 200 <b>Georgette Yahn</b>            | A retórica da guerra dos Ramires  |
| 205 <b>Gilda da Conceição Santos</b> | Em torno de um texto inédito de Jorge de Sena sobre Eça de Queirós  |

- 212 **Gloria Carneiro do Amaral** *O primo Basílio* n'O Besouro: um aspecto da recepção do romance no Brasil
- 220 **Helena Carvalhão Buescu** Procedimentos e objetivos da descrição queirosiana
- 228 **Henriqueta Maria Gonçalves** A crônica e o romance pós-1888: interações
- 238 **João Alexandre Barbosa** Os intervalos de Eça de Queirós
- 250 **João Alves das Neves** As páginas "brasileiras" de Eça de Queirós
- 262 **João Rodil** Sintra: espaço catalisador dos amores queirosianos
- 266 **Jorge Fernandes da Silveira** A casa portuguesa, uma forma de escrever Portugal: *A Ilustre Casa de Ramires*
- 273 **José Clécio Basílio Quesado** (Des)encontros / (des)alento n'*A Ilustre Casa de Ramires*
- 278 **José Luiz Fiorin** O espaço discursivo em *A Cidade e as Serras*
- 284 **Kelly Benoudis Basilio** Le génie ethnographique d'Eça de Queirós: l'exemple de son regard sur la France
- 291 **Lélia Maria Parreira Duarte** A refinada ironia de Eça em *A Ilustre Casa de Ramires*
- 298 **Lucette Petit** Eça baroque: un itinéraire ou une constante?
- 306 **Luciana Stegagno Picchio** Invenção *eremake* nos contos de Eça de Queirós: "Frei Genebro"
- 314 **Luis Miguel de Oliveira Andrade** Oliveira Martins e Eça de Queirós: o Iberismo e a Restauração na "Geração de 70"
- 328 **Luiz Fagundes Duarte** Os papéis de Eça e a crítica
- 336 **Manuel dos Santos Alves** Ecos ovidianos na obra de Eça de Queirós
- 344 **Maria Aparecida C. B. Santilli** Eça de Queirós: ler e contar
- 348 **Maria do Rosário da C. Duarte** A inscrição da leitura na ficção queirosiana: *O primo Basílio*
- 355 **Maria Eduarda B. dos Santos** A problemática da educação romântica n'*O Primo Basílio*: do romance à ópera
- 361 **Maria Eduarda Vassalo Pereira** Condições da ficção literária: a propósito de "José Matias" e "A perfeição"
- 374 **Maria Helena Nery Garcez** Visões de Jerusalém
- 381 **Maria Helena Santana** Estética e religião: Eça, Ramalho e *A Vélhice do Padre Eterno*
- 391 **Maria João Albuquerque Simões** A estética positivista e o texto "Positivismo e idealismo"
- 402 **Maria Luiza Ritzel Remédios** *A Relíquia*: duplicidade do sujeito na ficção queirosiana
- 409 **Maria Teresa Pinto Coelho** *A Ilustre Casa de Ramires* e a questão africana: entre a História e o mito
- 420 **Marie-Hélène Pivnick** "Adão e Eva no paraíso": révisión d'un mythe
- 427 **Mario Vieira de Carvalho** A música e o cosmopolitismo da capital: uma aproximação a Eça de Queirós em diálogo com Walter Benjamin
- 438 **Marisa Lajolo** Eça de Queirós e suas Leitoras Mal Comportadas
- 446 **Nadia Batella Gotlib** Eça de Clarice (devaneios)
- 454 **Nelly Novaes Coelho** Dos "temas obsessivos" aos "mitos pessoais": *A Tragédia da Rua das Flores* de Eça de Queirós
- 463 **Óscar Lopes** Jesus e o Diabo
- 469 **Paulo Franchetti** Gonçalo Mendes Ramires e Oliveira Martins: reportuguesando Portugal
- 477 **Pedro Luzes** Vida erótica de Eça de Queirós e a crise de 1878

- 487 **Suely Fadul V. Flory** O Ramalhete e o código mítico: uma leitura do espaço em *Os Maias* de Eça de Queirós
- 496 **Teresa Rita Lopes** Eça e o regresso às raízes

## COMUNICAÇÕES

- 511 **Águeda de Araújo B. Galante** As edições das obras de Eça dirigidas à formação de jovens leitores
- 516 **Ana Carolina Kastein Barcellos** A construção da personagem em dois romances de Eça de Queirós
- 521 **Ana Helena Cizotto Belline** Leituras de Luísa
- 527 **Ana Maria D. C. de Miranda Oliveira** Um exercício de ficção queirosiana, ou o discurso irônico em *Uma Campanha Alegre*
- 537 **Carla Machado dos Santos** Ficção, ciência e religião: o imenso processo da ironia no conto "Adão e Eva no Paraíso"
- 542 **Danilo Lôbo** Eça de Queirós e Cesário Verde
- 553 **Hilda Orquídea H. Lontra** Eça e o seu tempo
- 563 **João Décio** O tempo de tragédia n'*Os Maias* de Eça de Queirós
- 572 **José de Paula Ramos Júnior** Recepção de *A Cidade e as Serras* por vestibulandos paulistas
- 576 **José Rodrigues de Paiva** Breve notícia sobre a recepção de Eça de Queirós no Recife
- 583 **Lilian Lopondo** As personagens femininas e a retórica do conformismo em *O Primo Basílio*
- 589 **Lindinalvo A. de Almeida** Consciência crítica de Eça: leitura pinçada em *A Relíquia* e outros textos
- 595 **Lucia Maria Moutinho Ribeiro** "José Matias" pós-moderno
- 600 **Luciana de Campos e Mariliza Platzer** "O Defunto": uma leitura simbólico-fantástica
- 604 **Luci Ruas Pereira** Vergílio Ferreira, pelo labirinto do tempo de Eça
- 609 **Lyslei de Souza Nascimento** A construção da ficção em *A Relíquia*: caricaturas e cenários
- 613 **Maria Cristina de A. M. Laranjeira** Representação genológica na leitura de *Os Maias*, no ensino secundário, em Portugal
- 622 **Maria das Graças de S. Arrebola** A inquietude do olhar
- 629 **Maria dos Prazeres S. Mendes** Eça de Queirós e Fernando Pessoa: o processar do retrato do povo português
- 634 **Maria José Moreira França** A transgressão no conto "Singularidades de uma rapariga loura", de Eça de Queirós
- 640 **Maria Lúcia P. de Sampaio Goes** Contribuição histórica-crítica para a literatura infantil/juvenil portuguesa in *Cartas da Inglaterra*
- 646 **Marisa Correa da Silva** Eça e Lobato: uma relação delicada
- 652 **Marlise Vaz Bridi** Uma estética da atenuação: leitura intertextual de Eça de Queirós
- 659 **Moema Cotrim Saes** Perspectiva irônica: Eça e Machado
- 664 **Nelyse Aparecida M. Salzedas** Uma análise do discurso da carta ao Sr. Mollinet
- 670 **Olimpia Ribeiro de Santana** A camuflagem e o fingimento no conto "O Defunto", de Eça de Queirós

- 675 Osvaldo Humberto L. Ceschin Eça de Queirós: um olhar sobre a Idade Média  
679 Paulo Fernando da Motta de Oliveira Entre Portugal e a Europa: "Civilização" e o saudosismo  
685 Regina Michelli Ferretti Eça de Queirós e a *ilustre casa* do universo feminino  
692 Rosane Gazolla Alves Feitosa Espaço queirosiano: Lisboa, Camões e a Geração de 70  
697 Silvana Maria Pessôa de Oliveira Riquezas rutilantes: o relato de *O Egito*, de Eça de Queirós

#### SESSÃO DE ENCERRAMENTO

- 705 Eduardo Lourenço O tempo de Eça e Eça e o tempo  
715 Isabel Pires de Lima Fulgurações e ofuscações de Eros: *O Primo Basílio*

#### PROGRAMA

#### ANEXO

- 732 João Alexandre Barbosa Apresentação de: *Textos de Imprensa VI (Gazeta de Portugal)*



## SESSÃO DE ABERTURA

cercavam o seu leito, teriam decerto visto resplandecer no ar a brancura e as asas dos anjos que desciam a recolher a alma do santo cardeal, para a conduzir, cantando, ao Senhor.” In *Notas Contemporâneas*, ed. cit., p.1487.

28. Cf. *Eça de Queirós e a questão social*. Lisboa: Portugália, 1970.

29. Cortesão, J., *ibid.*, p.171. Este aspecto foi desenvolvido por Ana Maria Machado, em “Eça e a escrita hagiográfica (S. Cristóvão)”, in *Revista da Universidade de Aveiro / Letras*, n.6-7-8, 1989-91, p.61-90. Veja-se ainda Mary L.

Daniel, “S. Cristóvão and Santo Onofre: Aspects of the mystical expression of Eça de Queiroz”, in *Luso-Brazilian Review* (Univ. of Wisconsin), X, 1, June, 1973, p.35-51.

30. Cf. *supra*, nota 27.

31. Cf. *Ecoss de Paris*. (Obras de Eça de Queirós, v.II), ed.cit., p.1119.

32. J. Batalha Reis, “Introdução” a *Prosas Bárbaras*. (Obras de Eça de Queirós, v. I), ed.cit., p.569 (itálicos nossos).

33. *Op.cit.*, p.136.

## A ESTÉTICA POSITIVISTA E O TEXTO “POSITIVISMO E IDEALISMO”

MARIA JOÃO SIMÕES

UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Numa obra do princípio do século (1918) – que constitui um ponto de referência inolvidável para a história da estética e que ainda hoje se revela pertinente – intitulada *Les systèmes esthétiques en France* (1700-1890), seu autor, Moustoxidi, distingue, ao lado da obra de arte, a doutrina artística e, acima desta, o sistema estético. Segundo o autor, as diferenças entre a doutrina estética e o sistema estético dever-se-ão ao facto de a primeira ter um objectivo fundamentalmente utilitário ou didáctico ou polémico, enquanto o sistema visa sobretudo uma explicação da realidade no que toca aos factos estéticos.

Eça de Queirós não pretendeu construir nenhum sistema estético, mas escreveu textos onde expõe, de forma mais directa ou mais enviesada, o(s) seu(s) posiccionamento(s) estético(s). Mais do que uma perspectiva utilitária de propaganda de escola, cremos que a maior parte destes textos queirosianos têm sobretudo uma intenção didáctica. Mesmo no caso de textos mais propagandísticos, como o texto proferido nas Conferências do Casino ou o texto “Idealismo e Realismo”, é notório o carácter didáctico, verificável na intenção de esclarecimento de um público desactualizado e na rejeição de se considerar o realismo como uma escola. Ainda que em menor número, há outros textos que são fundamentalmente polémicos, cujos títulos, por vezes são já reveladores dessa intenção: “A propósito de *Os Maias*” ou “Ainda a propósito da Academia”.

Contudo, apesar da diferença, ambos têm, ou melhor, contêm reflexões metaliterárias, considerações pragmáticas sobre o “fazer” literário, que apresentam o maior interesse para o conhecimento do autor e das suas preocupações e atitudes estéticas. Esta perspectiva de abordagem releva de uma mudança que se operou nos domínios da reflexão teórica da estética, ao reconsiderar não só a importância da poética em geral, mas também das poéticas epocais, no seu pragmatismo e especificidade.

Reflectindo sobre as relações entre estética e poética, nota-se, como afirma Luciano Anceschi, uma mudança de atitude face à desconfiança mútua entre estes dois domínios. Se a estética rejeitava as reflexões poéticas pela sua normatividade ou pelo seu condicionalismo epocal, a poética suspeitava na reflexão estética uma conceptualização abstractizante, alheada e distanciada das suas preocupações concretas. Porém, sobretudo com a estética fenomenológica, assiste-se a uma

revalorização da poética e da capacidade crítico-reflexiva dos próprios artistas, concedendo-se especial atenção aos processos internos de reflexão e indagando-se a orgânica que remonta dos "processi di *reflessione prammatica* (precettista, normativa, idealizante) nata dall'interno della vita dell'arte con la volontà di prescrivere precetti, norme, valori ideali; di *reflessione analitica, storica, critica* fine a quella impostazione veramente e puramente teorica" (Anceschi, 1959: 1591).

Ora, sobre a produção metaliterária queirosiana são relativamente escassos os estudos realizados, e os que existem normalmente incidem sobre um só texto, salientando-se de entre os preferidos "Uma carta (A Cartos Mayer)", "Lettre à propos du *Mandarin*", que serve de prefácio à 2ª ed. desta obra, o polémico "Prefácio" a *Azulejos* e o artigo "O francesismo". Falta, evidentemente, um estudo de conjunto destes textos, como sugere Peter Demetz quando afirma que as realizações de Eça nem sempre foram apreciadas na sua variedade. Segundo este autor, "the supreme merits of the novelist have tended to hide (...) his importance as an informed judge of European literature", sendo premente traçar "a portrait of Eça de Queiroz as a literary critic who deserves a legitimate place in the intellectual history of nineteenth-century Europe" (Demetz, 1967: 289).

Orienta-se na mesma direcção a opinião de Carlos Reis, manifestada no estudo intitulado "Teoria literária de Eça de Queirós", onde afirma que "um dos aspectos mais salientes da actividade cultural de Eça de Queirós é o que diz respeito ao seu pendor para reflectir acerca da literatura, assumindo para tal uma óptica crítica e teórico-programática de certo modo paralela à sua produção literária." Salientando ainda a necessidade de considerar as reflexões metaliterárias dentro da obra ficcional, o autor aponta para as potencialidades hermenêuticas do estudo destas reflexões e do diálogo que estabelece com as obras literárias (Reis, 1982: 137, 150).

O presente trabalho surge no âmbito destas preocupações e insere-se num trabalho mais vasto, subordinado ao tema "As ideias estéticas de Eça de Queirós".

Assim, pretendemos, agora, reflectir primeiro sobre alguns aspectos do positivismo, da sua recepção em Portugal, e sobre alguns aspectos da estética positivista e segundo sobre o modo como o texto "Positivismo e Idealismo" se coloca em relação à estética positivista.

1. No que diz respeito à estética positivista, podemos observar que tem sido alvo de muito poucos estudos. Até agora tem surgido como um parente pobre da estética, sobre a qual se tem uma ideia *figée*, feita de preconceitos e *partis-pris* – fenómeno que se verifica pelo facto de o próprio Positivismo, como corrente de pensamento, ter sido poucas vezes criticamente analisado, ainda que muitas vezes duramente criticado. Daí que um autor como Davide Drudi, preocupado em estudar a estética positivista, venha a afirmar:

Raramente è avvenuto che sopra ad un settore o ad un periodo della cultura europa si accumulassero più luoghi comuni e pregiudizi quanto è avvenuto con il positivismo. Ad esso soprattutto è stata per lungo tempo accreditata l'immagine di una cultura monolitica, compatta ed inerte: una sorta di reperto archeologico senza agganci col presente. La rotura di questi immagine serve a far emergere aspetti nuovi e insospettati terreni di indagine (Drudi, 1990:7).

Para este autor, o que importa é repensar e questionar o positivismo (e a estética positivista) na sua complexidade e na sua diversidade. Só entendendo o Positivismo na sua complexidade e diversidade, poderemos ter uma correcta ideia dos conceitos que permanecem e dos que são postergados em correntes de pensamento que lhe são posteriores. Porém, David Drudi salienta que para esta análise será necessário adoptar uma noção não redutora de positivismo (diferentemente do que acontece com a obra de Angèle Kremer-Marietti *Le Positivisme* dedicada quase exclusivamente a Comte). Deve-se, antes, adoptar uma acepção "ampla" de positivismo, sendo, então, preferível falar, na sua opinião, em "constelação" positivista (1990: 13, 139).

Uma análise dos matizes e de "aspectos particulares do positivismo", neste sentido de entendimento abrangente, é realizada por Santo Mandolfo na obra *Le Tematiche del Positivismo*, o qual vê no naturalismo positivista o início da filosofia moderna, já que ele investe todos os campos da pluralidade humana e tem a mesma inspiração essencial em todos os países. Mesmo na análise das características gerais do positivismo – entre as quais aponta o seu entendimento da historicidade do mundo baseada num materialismo mecanicista, o primado da existência da matéria, e, portanto, um ingénuo acreditar na existência *objectiva* do mundo, separado do sujeito que o pensa (escapando-lhe, assim, uma clara colocação do problema gnoseológico), e o evolucionismo mecanicista – este autor constata diferentes correntes de interpretação e linhas de desenvolvimento. Assim, no fenomenismo, gerado pelo empirismo, distingue um *fenomenismo actualístico*, que apenas aceita o que é constatável e um *fenomenismo agnóstico*, como o de Spencer, no qual a última causa do devir "panico", cósmico, permanece incognoscível; no evolucionismo distingue o de sentido *teleológico*, em que o entendimento da evolução progressiva tendente a um estágio final, como propõe Comte, numa conciliação dogmática entre *ordem* e *progresso* (Kremer-Marietti, 1993:43), e o evolucionismo advindo de Darwin, professando um materialismo metafísico que não reconhece nenhum carácter teleológico à evolução. Esta distinção cria, no entender deste autor, uma ala de direita (liberal) e uma ala esquerda (socialista) no seio do positivismo (Mandolfo, 1986: 10).

Também Fernando Catroga acentua as diferenças interpretativas que a obra de Comte suscitou, reconhecendo, juntamente com outros estudiosos da obra comtiana, uma interpretação mais ortodoxa e radical da obra do mestre, encabeçada sobretudo por um dos seus discípulos, Laffitte, que aproxima o positivismo da religião, e outra, mais heterodoxa, encabeçada sobretudo por Littré, que, não pondo em causa nem a validade da lei dos três estados (religioso, metafísico e positivo), nem a teoria do conhecimento positivista, nem o essencial da sua sociologia, rejeita, porém, "a dimensão religiosa do positivismo e [põe] o acento tónico na ética altruística (...), na paideia cientista que o positivismo, inegavelmente, transportava." Ora, ainda segundo Fernando Catroga, interessa-nos particularmente "este último movimento, na medida em que foi através dele que o comtismo penetrou no nosso país" (Catroga, 1977b): 30) (Ainda segundo este autor tal não ocorreu no Brasil onde Miguel de Lemos e Teixeira Mendes divulgaram um positivismo mais ortodoxo (Catroga, 1977b): 31)).

Num estudo posterior F. Catroga afirma:

os nossos positivistas perfilharam um biologismo sociológico bebido nos ensinamentos de Lamarck, Darwin e Wallace, bem como a sua teorização filosófica sistematizada no evolucionismo de Herbert Spencer. Daí que a sociedade fosse definida analogicamente como um organismo que teria evoluído de uma primitiva homogeneidade para uma crescente heterogeneidade (...). Por outro lado, a normalização e adaptação ao meio exprimir-se-ia através da lei darwinista da selecção natural e da sobrevivência dos mais fortes (Catroga, 1977a): 303).

Este estudioso chama ainda a atenção para o facto de, na introdução do positivismo em Portugal caber um papel importante, como iniciador, a Manuel Emídio Garcia, professor em Coimbra, que, já em 1865, comentava o pensamento de Comte nas suas aulas de Direito Administrativo. As suas teorias, que evidenciam uma interpretação comtiana pela via das leituras de Littré, manifestam também a influência de Herbert Spencer e de Proudhon. Ora, a influência de Manuel Emídio Garcia sobre Eça de Queirós, realizada através de um (já comprovado) convívio intenso, manifestar-se-ia precisamente nesse "misto de proudhonismo-positivista no Eça dos inícios da década de 70." (Catroga, 1977b): 31)

A influência de Proudhon em Eça já foi muitas vezes apontada e é evidente nas reflexões que tece, em 1871, na sua Conferência do Casino "A nova literatura. O Realismo como nova expressão da arte" – pelo menos no que é possível saber da reconstrução dessa conferência como a que realiza António Salgado (1930: 49-59).

Também o texto "Idealismo e realismo", de 1879, (que só parcialmente serve de prefácio à 2ª edição de *O Crime do Padre Amaro*) revela bem a marca que o evolucionismo imprimiu em Eça, particularmente quando este, ao negar que o naturalismo seja uma escola, afirma que "é um movimento geral da arte, num momento da sua evolução" (CIFM, 177). Se Zola surge como uma fonte importante deste movimento – e podemos deduzir a sua influência pela referência ao temperamento como crivo de visão (CIFM, 177), – Flaubert e Taine são apontados como precursores, considerando Eça de Queirós idêntico o método do crítico e do romancista. No final deste texto é bem visível a influência desse teórico que primeiro realizou a aplicação do positismo à teorização estética. Falamos, é claro, de Taine e das suas teorias estéticas, nomeadamente as teorias mesológicas, baseadas na influência do sociologismo positivista,<sup>1</sup> de conhecido pendor determinista (onde o indivíduo é entendido como produto do meio em que vive) agora adaptado à produção literária em particular e artística em geral. Ora, no texto "Idealismo e Realismo" quando Eça exemplifica como procede o escritor naturalista para configurar a sua personagem, aponta como critérios a observação e a análise, mas também a consideração dos conhecidos factores determinantes lidos à maneira de Eça: o exame do "passado" (implicitamente a hereditariedade), a "educação" (tema tão importante em Eça), o "meio" e as "influências" (CIFM, p. 182).

Que Eça conhecia Taine há muito, prova-o a sua tradução de excertos de *Voyage en Italie*, em 1867, para o *Distrito de Évora* (Da Cal, 1975: 547).

Que Taine era tido em grande veneração verifica-se, por exemplo, nas palavras com que Moniz Barreto, o maior crítico contemporâneo de Eça, o caracteriza e pela sua recusa em conceder o mesmo nível de qualidade a Brunetière:

citando o nome de Taine não é minha intenção equiparar o maravilhoso talento tão extenso e tão ágil do famoso renovador da crítica francesa na segunda metade do século XIX, com o polemista vigoroso mas limitado que há quinze anos combate com infatigável coragem na literatura do seu país as manifestações inumeráveis da anarquia mental contemporânea. (...) Taine atravessa a paisagem alpestre das ideias sobre o cavalo da abstracção. Brunetière vai longe, mas vai a pé." (*Revista de Portugal*, 1890-1891, Vol. III, p.242)

Embora entendendo a obra de arte numa relação de dependência do meio em termos hoje inaceitáveis, Taine marca um grande salto na história da estética, ao fazer "descer" as reflexões estéticas do domínio essencialístico para o domínio concreto, encarando as obras de arte como factos estéticos observáveis e analisáveis em si. Chama assim a atenção para a estética e a necessidade de a repensar como estudo objectivo dos fenómenos estéticos (Moustoxidi, 1918: 243). Um dos maiores estudiosos de Taine, Jean-Thomas Nordmann, chama a atenção para o carácter precursor do comparatismo nas análises tainianas (Taine é, aliás, apontado como um dos fundadores da literatura comparada), ainda que através de uma demasiado directa homologia estabelecida com as ciências naturais, nomeadamente com a botânica (Taine, 1882: 13). Mas Taine não se limita à indução e à comparação – passa à dedução, sendo há muito reconhecido, no tocante a este aspecto, a influência de Hegel nas suas teorias (Nordmann, 1981:7). Neste sentido abandona um reducionismo positivista de mera atinência aos factos.<sup>2</sup> Assim se compreende a Parte V da sua *Philosophie de L'Art* intitulada "De l'idéal dans l'art", tantas vezes acusada de contraditória ou de constituir um recuo nas suas teorizações. Este salto atinge a problemática da *explicação* e da *avaliação* das obras, sendo esta última sempre rejeitada e suprimida por Zola, que não admite a crítica e afirma que é apenas cientificamente admissível a análise e a explicação das obras. Porém, no sistema de Taine "*l'estimation succède nécessairement à l'explication et en dérive*" (Lalo, 1911: 237). Esta incorporação da avaliação estética é muito importante para a legitimação dos textos críticos – isto se considerarmos que, nos textos de crítica literária como os que Eça escreveu, são formulados, com maior ou menor clareza, juízos de valor.

Já neste breve esboço é possível verificar, portanto, que a teorização estética positivista não pode ser lida monoliticamente.

2. Se nos debruçarmos agora sobre o texto "Positivismo e Idealismo", podemos ver que de certa forma ele "responde" ao posicionamento estético positivista do autor na especificidade que esboçámos, marcando as diferenças relativas a uma distância temporal de 14 anos. "Positivismo e idealismo" é um texto de análise crítica de fenómenos culturais e ideológicos, numa perspectiva que implica a inserção dos fenómenos estéticos no campo abrangente dos fenómenos socioculturais. Mais reflectido, mais sistemático e portanto menos superficial que uma crónica,<sup>3</sup> este texto merece a designação mais pomposa de artigo. Surge ordenado em três pontos: no primeiro, o articulista noticia, em registo de *fait-divers*, os alvoroços e arruaças da "mocidade das escolas" do Bairro Latino, explanando o motivo próximo que os desencadeou – uma reacção ao curso sobre a história da Revolução Francesa de um tal Sr. Aulard, um jacobino, tendo os estudantes "idealistas" invadido a sala e espancado os colegas que "estavam ali absorvendo a boa doutrina positivista e revoluci-

onária". Num discurso não isento de ironia, Eça "avalia" a situação e realiza um juízo crítico sobre estes episódios e sobre esta reacção intolerante (e tão pouco consequente em termos ideológicos). Acrescenta ainda que esta reacção anti-positivista não se limita à política: estende-se à "estrutura geral da sociedade contemporânea, tal como a tem criado o positivismo científico", alarga-se à história, à literatura, ao teatro e às artes plásticas. Na segunda parte explica que é no domínio religioso que a reacção é mais forte, avançando já algumas razões que a poderiam ter gerado: o "fanatismo, a intolerância" de certos espíritos positivistas, ou seja, o radicalismo positivista, nomeadamente no que diz respeito à rejeição da metafísica. Até aqui, porém, Eça está sobretudo constatando – são suas as expressões "eu, por mim, registo os factos" ou "estes são os factos visíveis e diurnos" – e indagando as causas desta mudança. Mais interessante nos parece a terceira parte do artigo, onde Eça coloca interrogações sobre prováveis saídas destes choques ideológicos, os quais são pensados dentro dum processo de conservação/inação, e onde lança "temerosas questões", como por exemplo as atinentes às consequências desta "fuga" idealizante e às direcções que ela poderá (ou que lhe será impossível) tomar.

Contrariamente a diversos escritores-críticos do século XX, herdeiros dos valores da modernidade que instaurou a "tradição de ruptura", Eça mesmo aqui mantém ainda uma concepção evolucionista da História das Ideias e da História Literária marcada pela racionalidade positivista. Mas, há também, nesta concepção evolucionista da história, lugar para a problemática "tradição e inováção" e para o sentir da história literária "como um conjunto em constante mutação, cada obra forçando a um remanejamento da ordem antiga – o que os semióticos na esteira dos formalistas russos, definiram como a especificidade do sistema literário: cada nova obra altera o código" (Perrone-Moisés, 1982:10).

É certo que, em Eça, este jogo tradição/inação, presente quando se interroga sobre o que é que esta nova geração trará de novo, é também (e ainda) herdeira da concepção positivista da história que contém a ideia de progresso. Isto se acordarmos que, como afirma Angèle Kremer-Marietti, é indispensável considerar "le rapport du concept de positivisme à sa condition *sine qua non* dans l'histoire de la pensée, le concept de progrès", sendo que a própria ideia de "que la vérité est en progrès" (explicitada desde quinhentos) está ligada à afirmação progressiva da racionalidade (1993:7).

Porém, pensar a arte sob uma perspectiva evolucionista (dentro da perspectiva do evolucionismo) leva a problematizações ainda hoje em aberto. Como chama a atenção Adriano Manesco num artigo intitulado "La riflessione estetica nel positivismo",

i positivisti interpretano l'arte in un quadro evolucionistico e scommettono sul fatto. Il loro evolucionismo è stato entusiasta e categorico, ha sollevato critiche tra gli studiosi fine secolo, ma è pur penetrato anche nelle culture avverse; recentemente non sono mancate voci a difenderlo; esso comunque riveste una non trascurabile portata euristica rispetto a certi problemi ancora aperti (Manesco, 1981: 260).

Ora, para Eça, esta ideia de evolução e progresso tem uma tão intensa incrustação na sua forma de pensar que lhe é impossível aceitar como sinal positivo "un retour

en arrière", como aquele a que se refere (em 1894) na carta a Alberto Oliveira, onde desacredita as potencialidades revigorantes do "tradicionalismo" em literatura ou de um "neo-garretismo" (Queirós, 1983: 327). É neste sentido de impossibilidade de retrocesso que se pode ler a sua afirmação de que é impossível passar por cima das conquistas que o positivismo científico acarretou.

Este juízo opinativo e crítico relativo às causas da reacção anti-positivista, seguido da recusa em aceitar uma reposição religiosa de tipo católico, surge exposto de uma forma mais clara na crónica intitulada "O Bock Ideal". Neste texto, primeiro Eça transcreve aquilo que designa como "discretos reparos postos [às] celebradas vitórias da democracia e da ciência", entre os quais se pode salientar o seguinte:

A ciência tem somente, pela magnitude e extensão do seu esforço, tornado saliente a pequenez da sua obra. O que acontece com a nossa arrogante ciência? Que em torno de cada curta verdade que ela conquista – se estende logo e irremediavelmente um imenso campo de incerteza. (...) A ciência realmente só tem alcançado tornar mais intensa e forte uma certeza: – a velha certeza socrática da nossa irreparável ignorância. De cada vez sabemos mais – que não sabemos nada. (NC, p. 247)

No entanto, também na sequência deste admitir os limites do cientismo surge a negação, aqui mais veemente e peremptória, de um neo-cristianismo como saída para o materialismo desenfreado, sobretudo quando este espírito evangélico rescende a sacristia...<sup>4</sup>

Comum a outras personalidades – que no entendimento de Eça configuravam o "movimento intelectual de Portugal" e que por isso mesmo chamou a colaborar na *Revista de Portugal* (Queirós, 1890: V) – surge esta preocupação com a evolução ideológica, e as opções futuras da geração que vive a crise do cientismo. De facto, esta preocupação torna-se evidente em certos colaboradores da *Revista de Portugal*, nomeadamente Teixeira Bastos com o seu texto "O Pessimismo e a filosofia positiva" e Afonso Vargas com "A evolução das ideias no século XIX". Estes espíritos positivistas têm consciência da mudança de mentalidades que se vai operando com a aproximação do fim do século. No entanto, adoptam uma posição de rejeição mais ou menos clara em nome das aquisições realizadas pelo espírito racional do positivismo. Teixeira Bastos, por exemplo (significativamente apoiando-se sobretudo num artigo publicado na revista *La Philosophie Positive*), ao analisar as novas correntes filosóficas, nega ao pessimismo e às obras de Schopenhauer e de Hartmann o estatuto de filosóficas, e considera o pessimismo como um fenómeno de patologia social, em relação ao qual o positivismo devia constituir uma salvaguarda ou por palavras suas: "A força higiénica desta doutrina filosófica [– o positivismo], como preservativo contra o desenvolvimento do pessimismo, consiste em armar o raciocínio de um critério lógico suficientemente seguro e rigoroso, para evitar os dislates da imaginação, os desregramentos do sentimento e a depressão da verdade". (Bastos, 1890: 254, 264)

Afonso Vargas (que em 1880, juntamente com Teixeira Bastos e outras personalidades, fundara a revista científica e pedagógica *A escola de ensaios de sociologia*) no seu estudo "A evolução das ideias no século XIX", de claras intenções sociológicas, ao abordar os domínios artísticos, afirma que "está desfeito (...) o ideal dos que supunham que seria a poesia científica a que afinal predominaria no mundo, isto

é, a poesia substituindo-se às monografias ou aos tratados especiais”, tendo o próprio Zola, segundo o autor, consciência disto mesmo, assistindo-se em poesia, pelo contrário, a uma “pronunciada corrente mística”. Este literato nega, porém, que a obra poética “desses estranhos espíritos que feridos de uma psicopatia especial se perdem num nefelibatismo incongruente” possa vir a ficar na história, onde só terá lugar a poesia que funcione como “reflector imaculado dos diversos estados de espírito da sociedade e dos indivíduos, como uma interpretadora das ideias e dos factos, como uma divina eterização das próprias coisas”, objectivo a que, segundo ele, o simbolismo estaria pretendendo, mas não correspondendo (Vargas, 1892: 206-207). A preocupação que move este literato é a necessidade de não se comprometer “a obra simpática da ciência que na sua evangelização de solidariedade, de amor e de paz outra coisa não deseja senão congraçar entre si todas as classes, integrando-as na compreensão de um fim superior idêntico” (p. 299) e funcionando como “átomo benéfico (...) nos destinos da Civilização e nos progressos da Humanidade” (p. 313).

As reflexões destes autores compreendem-se melhor se considerarmos, como afirma Santo Mandolfo, que “ética e política sono confusi insieme nel positivismo (Mandolfo, 1986: 11), sabendo nós que a distinção entre ética e estética também não é clara.

Ora, o que é interessante notar em Eça neste seu novo posicionamento estético, é que não há a rejeição da inovação, e, para além disso, há o reconhecimento do papel da imaginação como força criativa (reconhecimento que se verifica, aliás, desde muito cedo, com a célebre carta-prefácio d’ *O Mandarim*, de 1884). Pelo contrário, é a própria rejeição da imaginação realizada pelo positivismo que surge apontada pelo escritor como causa da “revolta” anti-positivista: “A causa é patente, está toda no modo brutal e rigoroso com que o positivismo tratou a imaginação, que é uma tão inseparável *elegítima* companheira do homem, como a razão” (sublinhado nosso). Curioso é também notar a ligação que Eça estabelece entre a imaginação e a metafísica, quando diz que o homem recomeçou a “suspirar por aquela companheira [a imaginação] tão alegre e tão inventiva, tão cheia de graça e de luminosos ímpetos, que (...) lhe apontava para os céus da poesia e da metafísica, onde ambos tinham tentado voos tão deslumbrantes.” (NC: 193) Por esta ligação podemos deduzir o reconhecimento, por parte de Eça, da legitimidade da metafísica – metafísica que o positivismo recusa. Mas, com essa mesma recusa, o positivismo traça, indelevelmente, os seus próprios limites e desenha o seu carácter mais redutor, e, por isso mesmo, o seu carácter menos sedutor aos olhos da filosofia contemporânea. De facto, parece-nos que só no reconhecimento das limitações do positivismo se pode pensar uma atitude de superação deste ideário (dentro do qual, aliás, Eça, como já referimos, não deteve um posicionamento ortodoxamente radical), e este é um dos textos onde claramente se explicita essa superação. Isto é visível no reconhecimento (que não se verifica nos companheiros já referidos) dos aspectos benéficos da reacção anti-positivista que designa por idealista – designação vaga na qual engloba as tendências “espiritualista, simbolista, neocristã e místico-socialista”. Neste sentido, é elucidativa a imagem através da qual exprime esta ideia, embora através dela realize um salto, demasiado fácil (mas frequente em Eça e relativamente comum na época), entre ideologia e estética: “este renascimento espiritual, este nevoeiro místico

que em França e em Inglaterra está lentamente envolvendo a literatura e a arte, eu penso que será benéfico – benéfico como todos os nevoeiros, repassados de fecundo orvalho e donde as flores emergem com mais viço (...)” (NC: 195).

Porém, o reconhecimento do carácter fecundo, benéfico e “purificador” da reacção espiritual, implicada neste “forte vento de idealismo” que atravessa a vivência desta sociedade, não impede Eça de considerar como irreversíveis as conquistas adquiridas nesta época de desenvolvimento tecnológico e industrial, dominada pela racionalidade científica:

Por outro lado, também já não é possível que, com a experiência de todos os confortos, e ordem, e fecundas e úteis verdades, que em torno dele [homem], e para sua grandeza e segurança estabeleceu a razão, e ele lhe fuja de todo e se abandone completamente, como na remota Meia Idade, à direcção ondeante e quimérica da outra esposa, da imaginação. (NC: 195)

Assim, onde Eça nos parece mais moderno é na aceitação dos aspectos benéficos e inovadores da reacção anti-positivista, sem abdicar dum reconhecimento inequívoco das contribuições inovadoras que o positivismo acarretou na história das ideias e nos domínios da arte.

Entre estas contribuições podemos destacar: a importância da sistematização do saber entendido de acordo com uma postura científica; a necessidade de considerar a produção artística em relação com a sociedade e o meio, o que acarreta um relativismo, esse sim muito moderno hoje em dia; no tocante à estética a consideração da obra de arte como fenómeno social analisável e observável.

A posição de Eça não constitui uma mera relação de concessão ou compromisso. Trata-se, antes de mais, de uma clara consciencialização das mudanças radicais e irreversíveis que a “nova época”, do industrialismo, da técnica e da ciência, imprimiu em termos de vivência social. Nesta consciencialização surge também, e isto caracteriza certos pensadores positivistas mais avançados, a intuição das terríveis contradições da sociedade e da época moderna (Drudi, 1990: 128-129), que vai mais tarde caracterizar a postura típica do Modernismo. É esta intuição que se plasma e se configura artisticamente na vivência angustiada de Jacinto no científico e tecnológico 202.

Esta lúcida percepção dos paradoxos da época moderna nascida das revoluções industriais e dos avanços científico-tecnológicos pode ver-se emergir no relato que Eça nos traça da última longa conversa que teve com Antero, em Santo Ovídio, no texto “Um génio que era um santo”:

...viemos a conversar desta materialidade dos tempos, e estridor das cidades, e exageração da actividade cerebral, e aspereza das democracias, que começam a empurrar tantos seres sensíveis ou mais imaginativos para a quietação religiosa e para o Deserto moral. Antero pensava que uma forte reacção espiritual e afectiva se seguiria à materialidade deste duro século utilitário e mercenário; – e, rindo, lembrou a sua antiga ideia, a fundação da Ordem dos Mateiros. Estes monges do idealismo teriam por missão o reconstituir, em toda a sua beleza e dignidade primitivas, a vida rural (...) [que] servia de base a uma alta renovação religiosa. Qual? Antero tendia para uma mistura do platonismo e do budismo. Eu preferia que os Mateiros, retomando a grande obra de cultura que fez a conversão do cristianismo católico em cristianismo histórico, a adiantassem, deslocassem o cristianismo da região da história para a região da psicologia, removessem toda a aluvião

eclesiástica e teológica, e descobrissem, revelassem o ponto verdadeiramente divino – o estado da consciência de Cristo... (NC: 287).

Lidas de acordo com estas ideias, as suas Lendas de Santos não podem ser encaradas como um recuo ideológico, mas antes como correspondendo a uma fase última desta espécie de religião da Humanidade considerada na sua imparável marcha evolutiva. Finalmente, é a própria ideia de Humanidade (de que Eça tanto fala neste último texto), ideia herdada de Comte (Catroga, 1977b): 26), que surge continuamente revista e reformulada por estes dois artistas-pensadores.

## BIBLIOGRAFIA

- ANGESCHI, Luciano. "Le poetiche del Novecento in Italia" in *Momenti e problemi di storia dell'estetica*, IV, Milano: Marzorati-Editore, 1959.
- BASTOS, Teixeira. "O Pessimismo e a filosofia positiva" in *Revista de Portugal*, 1890, Vol. III, Fasc. 13, p.V-VIII.
- CATROGA, Fernando. *A Importância do Positivismo na consolidação da ideologia republicana em Portugal*, Separata de *Biblos*, LIII, Coimbra, 1977a.
- \_\_\_\_\_. *Os inícios do Positivismo em Portugal. O seu significado político-social*, Separata da *Revista de História das Ideias*, Vol. I, Coimbra, 1977b.
- \_\_\_\_\_. «Os caminhos polémicos da "geração nova"» in MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*, Vol. V (O Liberalismo), Lisboa: Editorial Estampa, 1993. p.569-81.
- DA CAL, Ernesto Guerra. *Lengua y estilo de Eça de Queirós*. Bibliografia Queirociana sistemática e anotada, Tomo 1º, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975.
- DEMETZ, Peter. "Eça de Queiroz As a Literary Critic" in *Comparative Literature*, 1967, nº 4, p.289-307.
- DRUDI, Davide. *Sogni di Spiriti Esati. Percorsi nell'estetica del positivismo Taine, Zola, Guyau*, Firenze: Alinea, 1990.
- KRAMER-MARIETTI, Angèle. *Le Positivisme*. (Que sais-je?) 2.éd. Paris: P.U.F., 1993.

- LALO, Charles. "Taine et Zola. L'esthétique naturaliste et l'esthétique réaliste" in *Revue Bleu*, nº 7, 12 Août, 1911, p.236-42.
- MANDOLFO, Santo. *Le Tematiche del Positivismo*, Catania: C.U.E.C.M., 1986.
- MANESCO, Adriano. "La riflessione estetica nel positivismo" in DUFRENNE, Mikel; FORMAGGIO, Dino – *Trattato di estetica*, Vol. I, Milano: Mondobri, 1981.
- NORDMANN, Jean-Thomas. *Taine et la critique scientifique*. Paris: PUF, 1992.
- \_\_\_\_\_. "Situation de Taine" in *Romantisme*, nº 32, 1981. p.5-12.
- QUEIRÓS, Eça de – "O Bock Ideal" in *Notas Contemporâneas*, Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, Porto: Lello & Irmão, s.d.
- \_\_\_\_\_. "Positivismo e Idealismo" in *Notas Contemporâneas*, Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- \_\_\_\_\_. "A Revista" in *Revista de Portugal*, 1890, Vol. III, Fasc. 13, p.V-VIII.
- SALGADO [Dias] Junior, António – *História das Conferências do Casino (1871)*, Lisboa: Tip. Cooperativa Militar, 1930.
- TAINÉ, Hippolyte. *Philosophie de l'art*, [1ª ed.1882], 20.éd., Paris: Hachette, s.d.
- VARGAS. "A evolução das ideias no século XIX" in *Revista de Portugal*, Vol. IV, 1992. p.279-313.

## Notas

1. Sobre a confusão entre sociologismo positivo e filosofia positiva veja-se F. Catroga, 1977 b, p.31.
2. No que toca ao posicionamento de Taine relativamente a Comte é muito curioso e muito importante sabermos que, já em 1865, Antero tinha consciência da existência dum determinado distanciamento crítico quando afirma: "Não creio que o positivismo um tanto estreito de A. Comte, Littré e da última escola francesa nos dê completa a filosofia do futuro. Mas se o alargarmos, segundo o espírito do hegelianismo, a ponto de caber nele a metafísica excluída por Comte (tendência que já se nota em Taine, Renan e Vacherot e no positivismo inglês de que é chefe Stuart Mill). nesse caso tenho para mim que a filosofia assentará numa base tão sólida, que não será muito aventurar dizer que está achada e definitivamente constituída a filosofia do futuro" (cit. in Catroga, 1994, p.572.).
3. O próprio Eça explicita as características da "crónica": "A crónica é como que a conversa íntima, indolente, desleixada, do jornal com os que o lêem: conta mil coisas sem

sistema nem nexos (...). Ela sabe anedotas, segredos, histórias de amor, crimes terríveis; espreita, porque não lhe fica mal espreitar. (...) a crónica tem uma doídice jovial, tem um estouvamento delicioso; (...) ela não tem opiniões, não sabe do resto do jornal, está nas suas colunas contando, rindo, palrando; não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando." (Queirós, Eça de. *Da Colaboração no "Distrito de Évora" (1967)*, Lisboa: Livros do Brasil, s.d., p.107).

4. Curioso será pensarmos que, nesta altura, já teria escrito o manuscrito de S. Cristóvão (que talvez date de 1890) e que um ano depois escreverá "Frei Genebro". Seria uma contradição se quiséssemos fechar os olhos à laicização da religiosidade que as lendas de santos em Eça configuram — como há muito salientou Jaime Cortesão (Cortesão, Jaime — *Eça de Queirós e a Questão Social*, Lisboa, Portugal, 1970, p.181-96).